

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins Design gráfico: Flatland Design

AAP-ISBN: 978-972-9451-89-8 CITCEM-ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).











Apoio



Índice

15 Prefácio José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)

 Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa? Rui Gomes Coelho
- Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004 Vítor Oliveira Jorge
- Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal Jacinta Bugalhão
- Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes

 João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- Os memoráveis? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto marca
 Frederico Agosto / João Silva
- A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas Tiago do Pereiro
- Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde José Paulo Francisco

- Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal) Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis

 Ana Cristina Ribeiro
- A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto Origens, Percursos e Estudos Sónia Couto
- 251 Valpaços uma nova carta arqueológica Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo Cátia Neto
- Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial

 José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo! Ana Paula Almeida
- A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico

 Luís Serrão Gil
- 363 Arqueologia 3.0 Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável Mónica Rolo
- "Conversa de Arqueólogos" Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia Diogo Teixeira Dias
- Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)

 Rita Gaspar

- Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)

 Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático Lídia Fernandes
- Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia Rita Pires dos Santos
- O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia Eduardo Gonzalez Rocha
- Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal Mila Simões de Abreu
- O projeto FIRST-ART conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto
 PalæoCôa
 André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa Mário Reis
- Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)

 Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009 Mário Varela Gomes
- Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
 Daniela Cardoso
- Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG

 Daniela Maio
- A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I

 Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo Jorge de Oliveira
- Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo Maria de Jesus Sanches
- O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)

 João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
 Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes /
 João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal) César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa. Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja) Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território

 João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
 Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
 Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
 Rafael Lima
- O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
 António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
 Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves /
 Emílio Abad-Vidal
- A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
 Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- Do Bronze Final à Idade Média continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis

 João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)

 Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
 António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde Rui Pinheiro

O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto

Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga

Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação Pedro Brochado de Almeida
- Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado

Nuno Oliveira / Cristina Seoane

- Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro

 Daniela Ferreira
- Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança? João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves José Carvalho
- Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) Uma exploração agrícola romana do Douro Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica

 Lara Fernandes / Manuela Martins
- Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação

 Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização Paulo André de P. Lemos
- A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico

 Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia) Rui Ramos
- Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide Lisboa Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora resultados de um projeto pluridisciplinar Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso Filipe Sousa / Catarina Felício
- O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de Mirobriga
 (Santiago do Cacém)
 Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 Balsa, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro) Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016 Laura Sousa / Teresa Soeiro
- Ritual, descarte ou afetividade? A presença de Canis lupus familiaris na Necrópole
 Noroeste de Olisipo (Lisboa)
 Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
 Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia) Joaquim Filipe Ramos
- Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia Virgílio Lopes

8. Época Medieval

Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média Rosa Varela Gomes
- Yábura e o seu território uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela resultados preliminares da escavação arqueológica Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica

 Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão Ana Maria da Costa Oliveira
- Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
 Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- "Portucalem Castrum Novum" entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)

 João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense Susana Temudo
- Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal

 Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média Pedro Azevedo
- Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
 Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa Martim Lopes / Tomás Mesquita

- Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
 Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- «Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde) Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa) Carlos Boavida
- Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)

 Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa

 Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal dos objetos às superstições: o coral vermelho Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI Eva Pires
- «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)

 Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
 Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia Francisco Raimundo
- As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
 José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde):
 reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
 André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca /
 Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie /
 Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima /
 Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
 Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

TRÁS DO CASTELO (VALE DE MIR, PEGARINHOS, ALIJÓ) — UMA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA ROMANA DO DOURO

Tony Silvino¹, Pedro Pereira²

Este texto é dedicado, in memoriam, ao nosso amigo, o jornalista Carlos Magalhães de Vale de Mir

RESUMO

O Vale do Douro é um dos territórios com maior potencial arqueológico por estudar no Noroeste Peninsular. Embora tenham sido realizados estudos mais aprofundados em algumas zonas, a maioria da informação que possuímos nos dias de hoje provém de intervenções antigas ou da historiografia tradicional. A presença romana no território do Vale do Douro é geralmente aceite, pela historiografia tradicional, para o período a partir do século II da nossa Era, ainda que se aceite cada vez mais a presença de "ruídos de fundo", de dados que permitem mencionar instalações romanas anteriores. O sítio de Trás do Castelo, implantado a meia encosta de um pequeno castro da Idade do Ferro, é o reflexo do início de uma transformação da paisagem, iniciada com a chegada de Roma ao território do Douro e que virá a moldar esta zona montanhosa no Vale do Douro nos "jardins suspensos" de Miguel Torga.

Palavras-chave: Romanização, Agropecuária, Vale do Douro.

ABSTRACT

The Douro Valley is one of the least studied, though with the most archaeological potencial areas in Norwestern Portugal. Even though some areas have been extensivelly researched, the information that we have for most of the territory comes from older excavations or traditional historiography. The roman presence in the Douro Valley is generally accepted for the period since the II century AD, even though it is more and more accepted the presence of backgound noises, data that allow for older roman instalations. The site, located on the hillside of a small Iron Age castro, is the reflexion of a landscape change, that started with the advent of Rome in the territory, and that will forever change the Douro Valley unto the suspended garden of Miguel Torga.

Keywords: Romanization, Farming, Douro Valley.

1. TRÁS DO CASTELO E O SEU ENQUADRAMENTO

O lugar de Vale de Mir (freguesia de Pegarinhos, concelho de Alijó) localiza-se numa extremidade de um planalto granítico, próximo da estrada municipal que liga a aldeia de Pegarinhos à Estrada Nacional e ao recente Itinerário Complementar 5. O «castelo» situa-se a Oeste do núcleo habitado atual. Situa-se numa pequena elevação que se destaca bem da área envolvente, com um altitude relativa de 782 m. As primeiras referências a este sítio remontam ao tra-

balho do padre Henrique Botelho, que fornece as primeiras referências sistemáticas sobre os castros do concelho de Alijó (Botelho 1986: 266). A segunda referência é de Pedro de Azevedo, que realiza uma recolecção dos dados patentes nas memórias paroquiais de 1758 (Azevedo 1901: 106). A partir destas recolhas, o sítio é apenas mencionado em estudos mais amplos, contexto regional ou macro-regional (Silva 1986; Lemos 1993; Almeida *et al.* 1997). Actualmente, o sítio encontra-se coberto de pinheiros e gestias na zona mais alta e de campos de cultivo nas zonas baixas, na sua maioria abandonados. Estes tra-

^{1.} EVEHA, UMR 5138 ArAr e CITCEM; tony.silvino@eveha.fr

^{2.} CITCEM; pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

balhos de agricultura terão, infelizmente, destruído parte dos vestígios edificados, pelo menos na zona da muralha exterior. Trata-se de um habitat de pequenas dimensões, protegido por duas linhas defensivas, onde podemos ainda observar pequenos troços de aparelho constructivo de *opus incertum* em granito. O «castro» ou «castelo» encontra-se numa posição dominante, sobre o Vale do Souto e o rio Tinhela (Figura 1).

2. O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A OCUPAÇÃO HUMANA EM TORNO DA ALDEIA DE PEGARINHOS, ALIJÓ

Em 2012 foi aprovado o Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos, Alijó (PIOHP)3. O objectivo inicial era o de realizar uma série de sondagens tanto na encosta do Castelo de Vale de Mir como no Castro de Castorigo. No entanto, após a primeira campanha de escavação, foi decidido concentrar esforços no local de Trás do Castelo, tanto pelas questões que levantava como pelo aparente potencial. O PIOHP duraria um total de cinco campanhas de intervenção no terreno, contando com dezenas de voluntários, sobretudo alunos de Arqueologia da Universidade do Porto e arqueólogos. Durante esta primeira intervenção, foi possível descobrir uma série de estruturas, com duas fases principais de ocupação e abandono, relacionadas com um estabelecimento agrícola, com uma série de cadeias de produção e transformação de matérias primas. A fase de ocupação mais antiga, datável do Alto Império, foi datada durante a intervenção, apenas através dos materiais descobertos em níveis selados, sendo o caso mais paradigmático o denário de Vespasiano, em flor de cunho, descoberto na argamassa do lagar, datando efectivamente a sua construção para o final do século I d.C. Uma segunda fase, que aparenta ser de re-ocupação dos espaços anteriores, decorre no século IV d.C.

A ocupação do Alto Império expande-se em vários conjuntos arquitectónicos (A, B e C). Devido à sua planta, o conjuto A (espaços 1 a 4) pode corresponder a uma unidade habitacional, com o seu acesso a Sul, através de um grande terraço. No entanto, poderemos estar perante um espaço utilizado para albergar animais, como equídeos, não destinados à alimentação mas sim para dar resposta às necessidades agrárias, como transporte ou trabalho de campo. No entanto, estas divisões podem também ter sido utilizadas como alojamentos temporários para trabalhadores. O conjunto B, situado a Norte do sítio, articula-se em torno de um pátio central (espaço 9) que, por sua vez, dá acesso a três divisões, a Sul (espaços 5 a 7). A função destes últimos poderia ser diversa, desde o alojamento estival de trabalhadores, arrumação de ferramentas ou armazenamento de materiais. A Oeste, o pátio dá acesso ao espaço 8 que, pelo menos na fase final de ocupação, poderá ter estado ligado à produção têxtil, de origem animal (lã) ou vegetal (linho). A Norte do pátio existem dois espaços, 10 e 12, onde funcionava uma instalação de produção e armazenamento de vinho. O último conjunto, C, localizado a Nordeste, possui dois espaços cuja planta total ainda é desconhecida. Embora o primeiro espaço, 14, possa ser interpretado como um corredor, o espaço 11, pelas suas dimensões, poderá ter sido utilizado como um estábulo ou redil (Figura 2).

O sítio de Trás do Castelo terá muito provavelmente constituído, num primeiro momento, numa pars rustica de uma exploração agrícola. A descoberta de estruturas ligadas à produção de vinho, com o lagar mais antigo conhecido no Vale do Douro (Silvino et al., 2018a), ao tratamento e armazenamento de cereais e à pastorícia, tal como a ausência de uma zona verdadeiramente residencial, dão força a este argumento. Todavia, no final do projecto existiam ainda muitas questões em aberto, tal como a localização e organização da adega ou cella vinaria, a função do espaço 8, no qual, em 2015, haviam sido descobertas uma série de estruturas pouco usuais e uma grande quantidade de pesos de tear e esclarecer a funcionalidade do grande espaço aberto, designado como 14 na planta (Figura 3).

Assim, após a aquisição do terreno vizinho pela Câmara Municipal de Alijó⁴, foi decidido realizar uma

^{3.} Este projecto, que duraria até 2016, teve o apoio de estruturas administrativas locais, como a Junta de Freguesia de Pegarinhos e a Câmara Municipal de Alijó, mas também de outras estruturas, como o Regimento de Infantaria 13, de Vila Real. Foi suportado quase totalmente pela Porto Gran Cruz, pelo Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e pela EVEHA. No entanto, devemos ainda mencionar o apoio da população local, sobretudo de Pegarinhos e Vale de Mir, que nos acolheram e auxiliaram sempre que lhes foi possível.

^{4.} Devemos agradecer aqui o apoio que temos recebido da Câmara Municipal de Alijó, sobretudo na pessoa do seu autarca, José Paredes.

nova intervenção, no sentido de tentar esclarecer algumas das questões deixadas em aberto pelo PIO-HP relativas ao sítio de Trás do Castelo.

3.O PROJECTO CVTC (2019)

O objectivo primário do projecto Cella Vinaria de Trás do Castelo (CVTC) foi o de identificar e estudar a cave ou cella vinaria que teria impreterivelmente de estar associada ao lagar descoberto em 2015 em Trás do Castelo. A campanha de 2019 com uma duração limitada a duas semanas, permitiu esclarecer a maioria das questões colocadas. A intervenção centrou-se em torno do espaço identificado como lagar e do grande pátio localizado imediatamente a Este do mesmo. Numa primeira fase, foi terminada a escavação do espaço 8, o que permitiu constatar que existia um elemento complexo, que era já parcialmente visível na campanha de 2016, no centro do espaço. Anteriormente, haviamos evocado a hipótese de podermos estar perante um espaço ligado à produção têxtil, sobretudo devido à quantidade de pesos de fiação, num total de 14 elementos, descobertos aí (Silvino e Pereira, 2018) (Figura 4).

Foram descobertos dois tipos de pesos, oito em cerâmica e seis em xisto. No estudo dos artefactos realizado pelo colega Yannick Tessonneyre, os pesos em cerâmica remetem para uma utilização de fios mais finos, algo comum no mundo romano, com diâmetros inferiores a 0,5 mm. No entanto, a utilização de pesos em pedra levanta algumas interrogações. Embora o tema dos pesos em pedra seja relativamente pouco estudado, esta utilização está documentada até há muito pouco tempo no território português⁵. As várias volumetrias e pesos distintos descobertos na mesma zona levam a que possamos considerar a presença de pelo menos três teares diferentes, tendo em conta que normalmente todos os pesos do mesmo tear têm volumes similares: um com pesos entre os 400 e 800 g, outro com pesos de cerca de 1500 g e, finalmente, um tear com pesos de 4000 g. Os pesos superiores contrastam muito com a realidade conhecida no Mediterrâneo durante a romanização, com costuras mais ligeiras e pesos de tear normalmente pouco pesados. Pelo contrário, no caso de Trás do Castelo, os pesos recordam as costuras gaulesas referidas por Estrabão⁶, sobretudo lãs, mais pesadas e preparadas para climas mais agrestes. Os exemplares de pesos mais pesados descobertos em Trás do Castelo sugerem que a sua utilização centrou-se em fibras vegetais, mais pobres, normalmente linho, que implicam maior força de tracção do que as fibras animais (Cheval, 2009: 57).

Relativamente às estruturas descobertas no espaço 8, a primeira, dois blocos de granito retangulares, pousados na vertical e cada um com uma perfuração (UE 144), poderia ter um eixo móvel em madeira, equipado de uma manivela, que não deixaram vestígios. Esta estrutura poderia também ter sido equipada com uma pedra para servir de amolador, em xisto ou grés, com uma manivela lateral. Embora tenha sido encontrada uma mó em contexto de re-utilização no espaço, o seu peso e forma de encaixe não são enquadráveis nesta tipologia. Paralelamente, seria também necessária a presença de água para um dispositivo deste género, sendo que a segunda estrutura descoberta foi uma "pia", em granito, circular (UE 145), que poderia ter sido utilizada para receber água para esse fim, sendo que este tipo de estrutura é relativamente comum em contextos arqueológicos, como é notório no caso de Terlamonte I (Teixoso, Covilhã), em que uma pia similar era utilizada para metalurgia (Carvalho, 2007: 2016) (Figura 5).

Embora a hipótese que referimos anteriormente seja possível, devemos ter em conta algumas questões importantes. A primeira prende-se com a relativa raridade deste tipo de estrutura de amolar no mundo romano, sendo que em Trás do Castelo foram descobertas cerca de trinta de pedras de amolar manuais. Paralelamente, a pia descoberta em Trás do Castelo é mais similar a um almofariz do que a um recipiente de água, tendo sido descoberto no seu interior um seixo, provávelmente utilizado para moagem. A primeira estrutura que descrevemos tem uma explicação mais viável, a de ter recebido um enrolador, para auxiliar à criação de novelos de lã ou linho. O linho é a fibra vegetal mais comum e das mais antigas a serem utilizadas na Europa Ocidental (Plínio, H.N., XIX, 1-25). É semeado durante o Inverno e a sua plantação e apanha não têm instrumentos específicos. Após um primeiro tratamento, as fibras são

^{5.} Durante a década de 1950, era comum a utilização de pesos de tear em pedra (Cheval, 2009: 47).

^{6.} Geographia, IV, 7, 3.

^{7.} Devemos assinalar o roubo desta peça, antes do início da campanha de 2019. Foi remetida uma queixa contra desconhecidos junto das autoridades.

fiadas com o auxílio de um instrumento movido por uma manivela manual. Infelizmente este tipo de engenho é conhecido sobretudo a partir da iconografia para o período antigo, embora tenham chegado até nós exemplares mais recentes. A pedra de moagem, descoberta no interior da "pia", foi alvo de análises analíticas por parte do laboratório Nicolas Garnier, que demonstrou a existência de traços de gordura de um animal não ruminante, possívelmente porco, aquecida, e um derivado de uva não fermentado, vinho ou vinagre.

Finalmente, falta referir a estrutura em blocos de granito (UE 142) e o espaço de aquecimento (UE 154 e 159). Estas duas estruturas poderiam funcionar em conjunto devido à sua proximidade. Relativamente à funcionalidade destas estruturas, embora o espaço de aquecimeo pudesse ser apenas isso mesmo, um ponto de calor utilizado durante o Inverno e servir para cozinhar alimentos, poderá, da mesma forma, ter servido para actividades artesanais, muito provávelmente para o trabalho de fibras têxteis. Paralelamente, a função da estrutura UE 142 continua a ser difícil de discernir. Podemos, no entanto, encontrar algumas hipóteses funcionais, sobretudo a partir da documentação etnográfica do Ocidente Europeu (Figura 6).

O trabalho do linho necessita de uma fase de lavagem, durante a qual as fibras são colocadas num balde ou tina em madeira com água quente. A esta eram adicionados elementos de lavagem, como cinzas e sabão, sendo estas técnicas ainda utilizadas em algumas zonas de Portugal. A estrutura UE 142 recorda os suportes em madeira que são visíveis em documentação etnográfica em França. Uma tina em madeira seria instalada em cima de um suporte, dentro da qual eram colocadas as fibras, os carvões e sabão. No fundo da tina, existia um buraco para permitir a passagem da água, através de um tubo, para um caldeirão, colocado numa zona de aquecimento ou lareira. A água era aquecida e, com o auxílio de uma estrutura de canalização, era re-transferida para a tina, passando pelas fibras e pelas substâncias de limpeza, e escoando novamente para a estrutura de aquecimento. As fibras, lavadas e com uma cor mais esbranquiçada, seriam depois secas. Finalmente, a fibra seria torcida e fiada numa zona da casa preparada para esse efeito, normalmente sombrias e húmidas, num engenho de fiação.

Relativamente ao tratamento do linho, sobretudo após a colheita, a curtimenta da planta, seca, era fei-

ta normalmente em ribeiras. Era utilizada uma zona com pelo menos meio metro de profundidade, com pouca corrente, sítio normalmente apelidado de pequena lagoa ou laga. Esta etapa, que necessitaria de água corrente em abundância, poderia ser realizada na estrutura descoberta na campanha de 2012. Trata-se de um tanque hidráulico, de formato rectangular (7,20 x 2,50 m) situado a cerca de 50 metros a Sul do conjunto de estruturas do sítio. Embora a parte oriental tenha desaparecido, a escavação deste espaço permitiu descobrir um tanque construído com recurso a muros em blocos de granito e revestido a opus signinum. A análise das estruturas que compõem o tanque e a sua localização permitem elaborar alguma reflexão sobre a sua funcionalidade. O tanque seria alimentado por água que descia da plataforma imediatamente acima do mesmo, sendo ainda visível os restos de uma mina nesta zona. A água passaria pela conduta a Oeste do tanque. A fossa retangular a Oeste aparenta ter feito parte de um sistema de comportas, permitindo controlar a passagem da água. Finalmente, um canal permitia a passagem das águas para fora do tanque. É ainda visível um degrau de acesso no ângulo Sudoeste do tanque. Embora esta seja apenas mais uma hipótese funcional, uma vez que este tanque poderia ter sido utilizado para ouros fins, como bebedouro de animais ou para lavagem de minerais, o conhecimento técnico aplicado na construção e a sua articulação com as restantes estruturas descobertas leva-nos a colocar a hipótese de o tanque ter sido utilizado para curtimenta de linho.

Finalmente, no ângulo sudoeste da estrutura, encontramos uma caixa de escadas (UE 160) que permitiria o acesso a uma abertura do lado do espaço 5 ou mesmo a um andar superior. Foi ainda encontrada uma base de coluna, ao contrário, que aparenta estar num contexto de re-utilização e poderá ter servido de simples assento?

As estruturas descobertas nas divisões 10 e 12 são provavelmente orientadas para a produção de vinho. A estrutura UE 120, localizada no ângulo Sudeste do espaço 10, aparenta constituir uma *area* de prensagem. É-nos difícil elaborar sobre as características precisas deste lagar, mas a presença de muros utilizando argamassa de cal neste local demonstra a necessidade de conter uma pressão importante, o que vai ao encontro das características necessárias para a utilização de uma prensa. Foram realizadas análises analíticas pelo laboratório Nicolas Garnier

a dois framentos de *opus signinum*, que permitiram atestar a presença de vinho. Os dois fragmentos de *opus* que foram analisados possuem impregnações orgânicas de constituição química muito similar. Os marcadores presentes permitiram identificar très elementos principais: uva tinta fermentada, o que demonstra que o espaço foi utilizado para produção de vinho através de maceração e fermentação de uva; gorduras animais, que poderão corresponder a micro-organismos presentes no solo, podendo ser explicadas por poluições das amostras posteriores ao abandono da estrutura; gorduras vegetais, ricas em lípidos, que não possuem marcadores de azeitona (Figura 7).

Este lagar funcionava directamente com o tanque (*lacus*) (UE 128), situado numa cota inferior, a Sudoeste da divisão 12. Este tanque, embora não fosse revestido a argamassa, deveria acolher uma peça de tipo *dolium*. O mesmo tipo de sistema foi encontrado em outros sítios na região, como no Alto da Fonte de Milho (Peso da Régua) (Brun, 2004: 94) ou na zona de Freixo de Numão, como em Rumansil I ou Zimbro II (Silvino *et al.* no prelo; Coixão, 2018: 130). Tendo em conta este cenário, vários tipos de vinhos poderiam ser armazenados em *dolia*.

Relativamente à localização da cella vinaria, os espaços 9 e 12 não aparentam ter sido utilizados para acolher recipientes associados à vinificação. A localização desta divisão seria, certamente, o espaço 18. A intervenção dos níveis de abandono permitiu descobrir uma grande quantidade de fragmentos de dolia, embora a remodelação do terreno para receber terraços contemporâneos tenha revolvido muito o terreno. A escavação do solo em terra batida não permitiu identificar estruturas negativas de recipientes, como foi possível observar em sítios como no Alto da Fonte do Milho. No entanto, como sucedia em Rumansil I, os mesmos podiam estar acima do nivel de solo, sobretudo tendo em conta a tipologia dos mesmos, de dimensões mais modestas, com uma capacidade média de cerca de 50 litros. Tendo em conta o espaço e articulações necessárias, poderia existir um máximo de 25 dolia, se tivermos em conta a dimensão média destes recipientes quando utilizados sobre o solo. Deveria ainda existir, certamente, uma passagem entre os diferentes espaços que compreendem a cella vinaria e as estruturas de prensagem, a entrada principal estaria localizada a Este, onde existe uma padieira onde assentaria uma porta de grandes dimensões.

Embora os espaços 11 e 14 não tenham sido alvo de uma escavação integral, os dados recolhidos foram suficientes para propor um quadro hipotético para a funcionalidade de cada divisão. Situado numa cota inferior aos restantes edifícios, este conjunto é constituído, a Norte por um grande espaço (14) que, num primeiro momento, foi interpretado como um grande pátio. Na campanha de 2019 foram descobertas duas bases de granito, alinhadas, no centro do espaço, demonstrando a presença de pilares centrais de um sistema de cobertura. Embora não tenha sido possível descobrir outros elementos de apoios intermediários entre as duas bases, foram descoberto traços de pelo menos um apoio em negativo no solo, podendo o mesmo ter sido reutilizado numa ocupação posterior. Teríamos assim um alinhamento de três pilares, equidistantes de 4 m. Uma futura intervenção na zona oriental do espaço 4 poderá permitir a descoberta de uma quarta base. Se for esse o caso, estaríamos perante um grande espaço fechado, com quatro pilares, um tipo de estrutura bem documentado na região do Douro e mesmo na Península Ibérica. Poderia assim tratar-se de um edifício de armazenamento, com uma superfície ampla de cerca de 105 m² (15 x 7 m). Este tipo de planta normalmente está associada a lagares de vinho. Podemos citar, entre outros, os exemplos das villae do Prazo (Freixo de Numão) ou de Vale do Mouro (Coriscada) (Coixão, 2018: 379 e 447). No entanto, é necessário observar que estas estruturas têm normalmente uma largura menos ampla e estão sempre associadas às estruturas das prensas. A utilização do espaço 14 para armazenamento de vinho é assim difícil de assimilar. Esta planta encontra um paralelo mais próximo a uma estrutura descoberta na pars rustica da villa do Vale do Mouro, com duas filas de três pilares (Coixão, 2018: 447). Neste caso, a função da estrutura poderia estar ligada a armazenamento de materiais diversos devido à vocação agro pastoril da zona (alimentos para os animais, materiais agrícolas ou mesmo carruagens). Mas a possibilidade do espaço ter sido utilizado para animais não deve ser posta de parte, sobretudo tendo em conta o facto da estrutura estar localizada no andar térreo. Podemos aqui citar o exemplo de um edificio similar descoberto em Ca'Tron, em Itália (Busana et al., 2011). Um edifício com dois pilares centrais que, no rés--do-chão recebia instrumentos agrícolas e onde era feito armazenamento de cereais no andar imediatamente acima. Embora as análises analíticas realizadas aos sedimentos (com o objetivo de determinar a taxa de fosfatos derivados de matérias orgânicas, como urina ou excrementos) do interior do edifício de Trás do Castelo não nos tenham fornecido dados concretos, ao contrário dos resultados de outros espaços do sítio, não podemos excluir a possível utilização do espaço para animais. Um outro exemplo similar foi identificado em Près-Bas, Loupian, França. Neste caso, tratava-se de uma *cella vinaria* que é readaptada para celeiro durante o século II da nossa Era (Pellecuer, 2000: 123-124).

A funcionalidade do espaço 11, a Sul do espaço 14, é também difícil a discernir. Embora a zona oriental nos seja desconhecida, sabemos que se trata de um espaço longo e estreito, com pelo menos 13 x 3 m, ou 39 m². Infelizmente não subsitiu nenhum traço de um nível de solo, sendo que os níveis de demolição do edifício estavam directamente acima dos níveis associados à construção do espaço e do substrato natural, que foi escavado nesta zona em forma cupiforme em toda a extensão da divisão. A localização da entrada deste espaço, a uma cota alta, aparenta demonstrar a utilização de uma escada para aceder ao interior do espaço. Propusemos anteriormente que este espaço possa ter sido utilizado para armazenamento ou como abrigo para animais. Segundo alguns agrónomos, os solos dos edifícios que albergam caprideos não devem receber nenhum tipo de pavimento nem escoamento para esgotos, uma vez que estes sedimentos podem ser re-aproveitados como estrume e, no caso das ovelhas, o mesmo deve estar saturado em urina (Dufour 2012: 65). Nos nossos dias, as únicas estruturas de tipo redil ou curral de grandes dimensões de época romana conhecidas encontram-se no Sul da Gália, mais especificamente em Crau, com cerca de 50 x 10 metros. A todo o comprimento, a estrutura estava fechada por um alinhamento de barrotes de madeira espaçados e, numa superfície de 250 m², estes espaços poderiam abrigar 700 a 900 ovelhas (Badan et al., 1995). Podemos citar outros exemplos de estruturas deste género, ainda que de menores dimensões, na Gália. La Coupe III - Saint-Hippolyte, em Narbonne (Aude), uma construção com 175 m² possui, como em Crau, um pequeno espaço de habitação e um vasto espaço no qual, a partir de amostragens micro-morfológicas, foi possível identificar esferolitos (Mayoud, 2010). Podemos ainda citar sítios como Cenel à La Cavalerie e La Cordenade à Salles--la-Source em Aveyron (Raynaud et al., 2009), que

possuem vários pontos comuns com o espaço 14 de Trás do Castelo.

4. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS

Finalmente, o estabelecimento rural acolhe, manifestamente, unidades de transformação de recursos naturais: uvas, cereais, animais e têxtil. Poucos espaços parecem ter sido utilizados enquanto habitat permanente. E mesmo nesses casos, trata-se de ocupações aparentemente frustres. Os elementos presentes, associados à qualidade e nível técnico necessários para as construções no terreno acidentado demonstram, sem dúvida, um certo nível de riqueza da parte do proprietário. As estruturas descobertas terão feito, sem dúvida, parte de um complexo mais importante, difícil ainda de discernir. Poderá o sítio de Trás do Castelo ter feito parte da pars rustica de uma villa? Ou mesmo ter feito parte de uma pequena aglomeração rural secundária, um vicus, um tipo de estrutura bem documentada no mundo rural romano?

No entanto, quer estejamos perante uma *villa* ou um *vicus*, ainda não foi possível identificar a zona residencial., possivelmente localizada sob a actual aldeia de Vale de Mir. Ao longo do processo de escavação foi possível descobrir uma grande quantidade de elementos arquitetónico em granito, em condição de re-utilização, desde o século III da nossa Era, elementos que poderão ter pertencido a uma *domus*. A Sul de Trás do Castelo, a uma altitude mais baixa, é possível ainda hoje observar uma grande quantidade de material clássico. Uma futura campanha poderá permitir compreender como se desenvolveria o resto do estabelecimento.

Finalmente, o estudo do sítio de *Trás do Castelo* permite enriquecer os conhecimentos sobre a ocupação romana nesta região, frequentemente esquecida pela investigação arqueológica. Este projeto de investigação permitiu desvendar uma faceta do habitat antigo do Vale do Douro que era, até ao momento, pouco conhecido, ajudando a compreender como é que se processava a exploração de recursos naturais entre o final do século Iº da nossa Era até ao final do período de domínio romano.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2003) – As estátuas de guerreiros galaicos como representações de príncipes no contexto da organização político-administrativa do Noroeste pré-flaviano. In: *Madrider Mitteilungen*, 44, pp. 116-126.

ALARCÃO, Jorge de (2004) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia: II. In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 2, pp. 193-216.

ALARCÃO, Jorge de (2008) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia: V. In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 11, n.º 1, pp. 103-121.

ALARCÃO, Jorge de (2018) – *A Lusitânia e a Galécia do séc. II A. C. ao séc. VI D. C.*, Coimbra.

ARIÑO, Enrique (2013) – El Habitat rural en la peninsula iberica entre finales del siglo IV y principios del VIII: un ensayo interpretativo. In: *AnTard*, 21, pp. 93-123.

AZEVEDO, Pedro A. de (1901) – Extractos archeológicos das Memórias Parochiais de 1758. In *O Archeologo Portugues*. 1^a série. Volume VI, pp. 103-121.

BADAN, Otello, BRUN, Jean-Pierre e CONGÈS, Gaetan (1995) – Les bergeries romaines de la Crau d'Arles. Les origines de la transhumance en Provence. In: *Gallia*, 52, pp. 263-310.

BLIN, Olivier, MÉDARD, Fabienne e PUYBARET, Marie-Pierre (2003) – Fils et pesons: éléments pour une approche des techniques de tissage en Gaule romaine du Nord. In: *Revue archéologique de Picardie*, n°1-2. LEPETZ, Sébastien e MATTERNE, Véronique (coord.) – *Cultivateurs, éleveurs et artisans dans les campagnes de Gaule romaine*, p. 157-176.

BROGIOLO, Gian Pietro e CHAVARRIA ARNAU, Alexandra (2008) – El final de las villas y las transformaciones del territorio rural en Occidente (siglos V-VIII). In FERNANDEZ OCHOA, Carmen, GARCIA-ENTERO, Virginia e GIL SENDINO, Fernando (eds.) – *Las villae tardoromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y funcion*, IV Coloquio Internacional de Arqueologia en Gijon, Ediciones Trea, pp. 193-213.

BRUN, Jean-Pierre (2004) – *Archéologie du vin et de l'huile dans l'Empire romain*, Errance, Paris.

BUSANA, Maria Stella, BON, Mauro, CERATO, Ivana, GARAVELLO, Silvia, GHIOTTO; Andrea Raffaele, MIGLIAVACCA, Mara, NARDI, Serenella, PIZZEGHELLO, Diego e ZAMPERI, Silvia (2011) – Agricoltura e allevamento nell'agro orientale di Altinvm: il caso di Ca' Tron. In: BUSANA, Maria Stella e BASSO, Piero (coord) *La lana nella Cisalpina romana, Economia e Società*, studiinonoredi Stefania Pesaventomattioli atti del convegno, pp. 127-169.

CARVALHO, Pedro (2017) – Época romana. In: CARVALHO, Pedro, GOMES, Luís Filipe Coutinho e MARQUES, João Nuno (coord.) – Estudo histórico e etnológico do vale do Tua (Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor), EDP/Edições Afrontamento, pp. 241-383.

COIXÃO, António Nascimento de Sá (2018) – *A romaniza*ção no baixo Côa, Dissertação de doutaremento. Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

DIAS; Lino Tavares (1997) – Tongobriga, Lisboa.

FONTE, João (2008) – Sistemas defensivos proto-históricos de Trás-os-montes ocidental (norte de Portugal). In: *Cuadernos de Estudios Gallegos*, № 121, Enero-Diciembre, 2008, pp. 9-29.

FONTE, João, LEMOS, Francisco Sande, CRUZ, Gonçalo e CARVALHO, Carla (2008) – Segunda idade do Ferro em Trás-os-montes ocidental. In: *Férvedes*, 5, pp. 309-317.

LARRAZABAL GALARZA, Javier (2015) – Las murallas protohistoricas de la villa romana del Alto da fonte do Milho (Peso da Régua, Portugal). In *Fortificationes en la edad del Hierro: control de los recursos y el territorio*, Glyphos Publicaciones pp. 324-337.

MAYOUD, Stephane (2010) – Narbonne, La coupe III – Saint-Hippolyte In: *Bilan scientifique régional 2008*, DRAC Languedoc-Roussillon, SRA, Montpellier, pp. 38-39.

LEMOS, Francisco Sande (1993) – *Povoamento Romano em Trás-os-Montes Oriental*, Tese de doutoramento na especialidade de Pré-História e História da Antiguidade, apresentada à Universidade do Minho. Policopiada.

PELLECUER, Christophe (2000) – La villa des Prés-Bas (Loupian, Hérault) dans son environnement: contribution à l'étude des villae et de l'économie domaniale en Narbonnaise, I-II, thèse de doctorat, Université d'Aix-Marseille 1. Policopiado.

PEREIRA, Pedro (2012) – Materiais esquecidos – o espólio cerâmico de armazenamento (dolia) do Alto da Fonte do Milho, Peso da Régua. In: *Almadan.* 17. Tomo 1. Almada.

PEREIRA, Pedro (2013a) – Uma história de dolia – uma primeira análise aos recipientes cerâmicos de armazenagem de Vale do Mouro (Coriscada, Meda). In: *CEM*, 3, CITCEM, Porto

PEREIRA, Pedro (2013b) – De vino ac vineas – viticultura romana no Vale do Douro. In: *Actas das 1as Conferências do Museu de Lamego*. CITCEM/Museu de Lamego. Lamego. pp. 141-149.

PEREIRA, Pedro (2017) – O Vinho na Lusitânia. Ed. Afrontamento/CITCEM.

PEREIRA; Pedro (2018) – O mundo agrícola romano no Vale do Douro. In: DIAS, Lino Tavares e ALARCÃO, Pedro (coord.) – *Construir, Navegar, (Re)usar o Douro da Antiguidade.* CITCEM. pp. 195-210.

PEREIRA; Sérgio, GOMES, Hugo, COSTA; Pedro e BAR-BOSA, TERESA (2013) – Estudo da romanização no vale do rio Sabor. Noticia preliminar, *in* SASTRE BLANCO, José Carlos, CATALAN RAMOS, Raul e FUENTES MELGAR; PATRICIA (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero. Del Neolitico a la Antigüedad Tardia: nuevas perspectivas.*

Arqueología en el valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía : nuevas perspectivas: actas de las primeras Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero. Ediciones de la Ergástula.

RAYNAUD, Claude, com a colaboração de POMARÈDES, Hervé e MANNIEZ, Yves (2009) – Fermes gallo-romaines de la province de Narbonnaise. In: LEVEAU, Phillipe, RAYNAUD, Claude, SABLAYROLLES, Robert e TRÉMENT, Fréderic (Eds.) Les formes de l'habitat rural gallo-romain. Terminologies et typologies à l'épreuve des réalités archéologiques, Actes du VIIIe colloque AGER, Toulouse, Aquitania Suppl. 17, Bordeaux, pp. 141-165.

REDENTOR, Armando, ANDRÉ, Clara, CARVALHO, Pedro e TERESO, Sofia (2018) – *Torre Velha* de: Castro de Avelãs (Bragança). Resultados arqueologicos e novidades epigraficas", *in* SOARES, Carmen, BRANDÃO, José Luís e CARVALHO, Pedro (coord.) – *Historia Antiga : relações interdisciplinares. Paisagens Urbanas, Rurais e Sociais*, Universidade de Coimbra, pp. 321-344.

RIBEIRO, Jorge Manuel Pinto (2011) – Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma analise das tecnicas edilicias, CITCEM.

SALIDO DOMINGUEZ, Javier (2017) – *Arquitectura rural romana: graneros y almacenes en el occidente del imperio,* Autun, Ed. Mergoil.

SILVA, Armando Coelho (2007) – *A Cultura Castreja no No- roeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2017) – O projecto de investigação sobre a ocupação humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da Romanização do Douro. Actas do 2º Congresso da Associação dos Arqueológos Portugueses. 2017. pp. 1085-1095.

SILVINO, Tony, PEREIRA; Pedro e BRITO, Joana, com a colaboração de TEIXEIRA, Rita (2018) – A cerâmica romana de Trás do Castelo (Vale de Mir, Alijó) –rupturas e continuidades de uma exploração agrícola romana no Vale do Douro. In *Actas das VI Jornadas de Arqueologíado Vale do Douro*. Ed. Glyphos.

SILVINO, Tony e PEREIRA; Pedro (2018) – *O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos (Alijó) – em busca das origens da romanização do douro.* Relatório das escavações entre 2012-2016, Porto.

SILVINO, Tony, COIXÃO, António Nascimento de Sá e PEREIRA; Pedro (2020) – Rumansil I (Murça-do-Douro): um complexo artesanal antigo no vale do Douro. In: *Conimbriga*, no prelo.

TRANOY, Alain (1995-1996) – La route, image et instrument du pouvoir impérial dans le nord-ouest ibérique. In: *Cadernos de Arqueologia*, 12-13, pp. 31-37.



Figura 1 – Localização de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos).

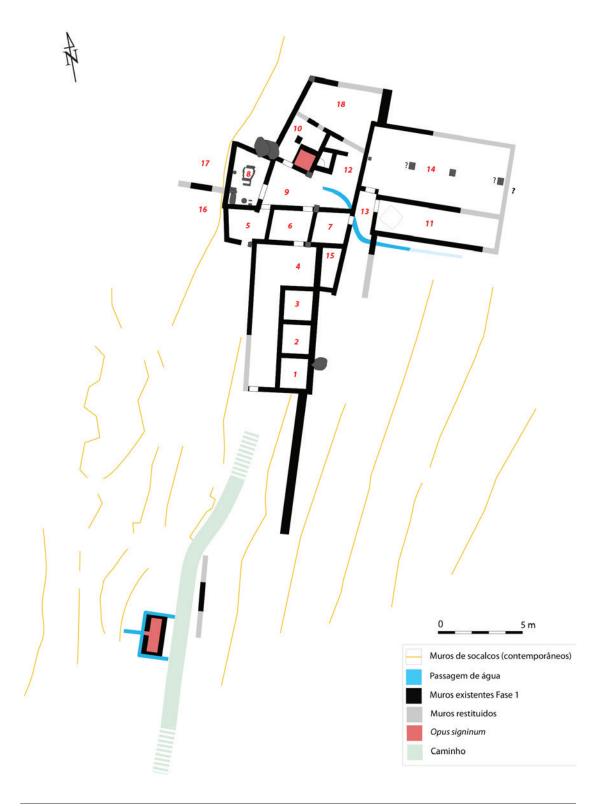


Figura 2 – Planta de Trás do Castelo, 2020.



Figura 3 – Lagar de Trás do Castelo e zona envolvente, 2020.

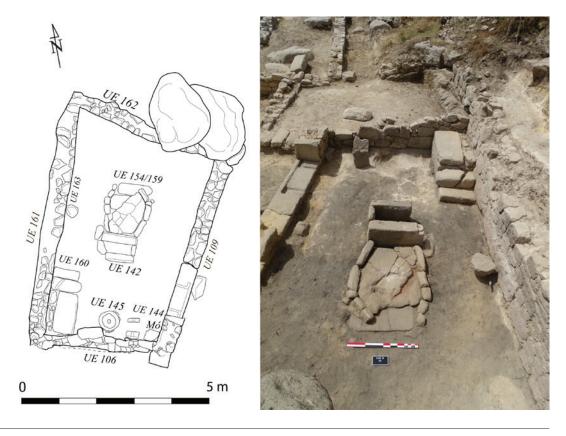


Figura 4 – Planta e vista a Norte do espaço 8, 2019.



Figura 5 – Estruturas UE 144 e UE 145, descobertas em 2016, mas furtadas em 2019.

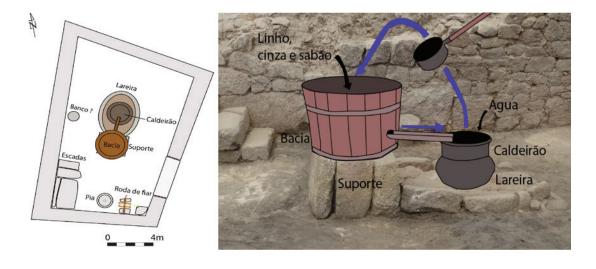


Figura 6 – Proposta funcional da estrutura composta pelas [142], [154] e [159].

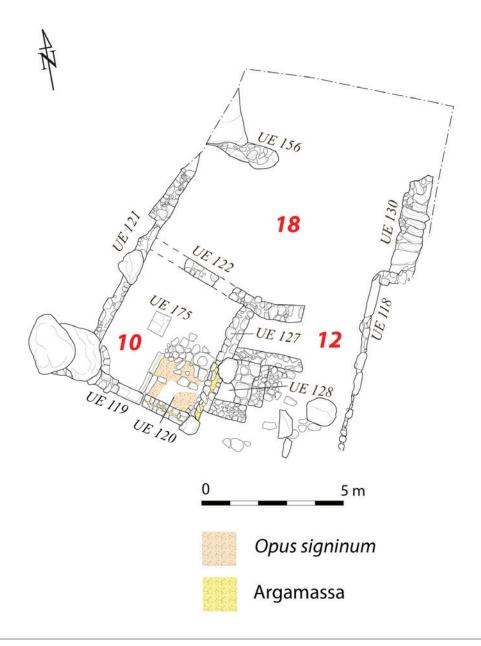


Figura 7 – Planta do lagar e *cella vinaria* de Trás do Castelo.

